

Duas águas

ACERVO

CONCEITOS A EXPLORAR

Língua Portuguesa

Cronologia e intertextualidade – Literatura e História da Literatura.
Língua falada e língua escrita – recursos de interpretação oral.
O nacional e o universal – Literatura e identidade nacional.
Poesia – inspiração e razão.
Metalinguagem.

História

Trabalho, relações sociais e poder.
Identidade social.
Diversidades regionais.
Migrações e imigrações.

Geografia

Espaço geográfico como dimensão da vida social.
Paisagem.
Objeto geográfico.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

Língua Portuguesa

Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes línguas e suas manifestações específicas.

Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das línguas, relacionando textos com seus contextos, mediante natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de idéias e escolhas, tecnologias disponíveis etc.).

Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal.

Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.



História

Compreender a sociedade, sua gênese e sua transformação, e os múltiplos fatores que nela intervêm, como produtos da ação humana; a si mesmo como agente social; e os processos sociais orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.

Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-os às práticas dos diferentes grupos e atores sociais, aos princípios que regulam a convivência em sociedade, aos direitos e deveres da cidadania, à justiça e à distribuição dos benefícios econômicos.

Criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens na construção/reconstrução de diferentes interpretações da História.

Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos simultaneamente como sujeito e como produto dos mesmos.

Situar as diversas produções da cultura – as linguagens, as artes, a filosofia, a religião, as ciências, as tecnologias e outras manifestações sociais – nos contextos históricos de sua constituição e significação.

Geografia

Compreender os elementos cognitivos, afetivos, sociais e culturais que constituem a identidade própria e a dos outros.

Compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos e humanos.

INTERFACE COM OUTRAS DISCIPLINAS

Arte

Problemas gerais de análise e interpretação do objeto artístico.

Formação do gosto.

Diferentes linguagens expressivas.

Biologia

Biodiversidade da flora brasileira.

SUGESTÕES PARA EXPLORAR O VÍDEO

Língua Portuguesa

Carlos Emílio Faraco

Centralizado na figura do poeta João Cabral de Melo Neto, o vídeo explora, fundamentalmente, dois aspectos. Em primeiro lugar, informações específicas referentes ao poeta e a sua obra. Em segundo, as muitas questões gerais sobre estética e História da Arte que podem ser levantadas – ou revistas e polemizadas – em torno do personagem.

O aproveitamento didático do primeiro aspecto não apresenta grandes desafios ou problemas, pois a linguagem documental é clara e ilustra de maneira

agradável a trajetória biográfica e intelectual do poeta. Por isso, optamos por sugerir atividades relacionadas às questões gerais de produção e recepção estética, que na verdade em geral extrapolam o campo da literatura. Nesse sentido, seria extremamente produtivo desenvolver tais atividades em três aulas, conduzidas simultaneamente pelos professores de Português e de Arte. Pela carga de informações prévias que pressupõe, a exploração do vídeo parece mais adequada à 2ª ou à 3ª série do Ensino Médio.

Objetivos

Organize um roteiro em torno dos seguintes objetivos:

- Analisar procedimentos classificatórios na ordenação cronológica da História das Artes, e especialmente da Literatura. Comparar com a história das artes plásticas.
- Conceituar *informação* e *redundância* e relacionar, a partir desses conceitos, o objeto artístico com seu contexto amplo: condições de produção, recepção, consumo e apreciação.
- Comparar as especificidades da língua escrita

com as da língua falada, especialmente no que diz respeito ao ritmo e à entonação.

- Compreender e analisar a inter-relação de duas linguagens (a verbal e a plástica) e permitir o confronto de opiniões e pontos de vista sobre essas linguagens.
- Compreender, analisar e ordenar cronologicamente os momentos em que a Literatura brasileira expressou enfaticamente a busca de uma identidade nacional.

Língua escrita e língua falada: Distribua uma cópia do poema para os alunos e peça para compararem a leitura feita pelo próprio poeta com a que é feita por Arnaldo Antunes. A partir dessa comparação, converse a respeito das possibilidades de locução de um texto escrito.

uma obra literária. Conduza a discussão procurando mostrar que as duas características não são excludentes, mas complementares.

Literatura e identidade nacional: O depoimento de Ariano Suassuna pode introduzir essa questão. Sintetize com os alunos os momentos em que a expressão dessa identidade se tornou uma necessidade explicitada pelo escritor, enfatizando o Romantismo.

Informação e redundância na recepção, consumo e apreciação da obra: No depoimento de 1968, o poeta se confessa um 'marginal' na história das literaturas em língua portuguesa. Estabeleça com os alunos a comparação desse trecho com o segmento em que, mais de vinte anos depois, João Cabral revê essa afirmativa. Analise a idéia de redundância como fator de 'aceitação'. Na conversa extrapole a literatura, chegando à discussão da chamada cultura de massa e à moda. O segmento que trata de *Morte e vida severina* poderá complementar a discussão e ampliar o estudo para outra questão: a música como

Literatura e universalismo: O depoimento de Haroldo de Campos, em confronto com o anterior, permite levantar a questão da universalidade de



suporte 'facilitador' da recepção do texto.

Arte engajada: O fragmento das considerações feitas por Décio Pignatari introduzem a questão da arte como instrumento de 'melhoramento social', nas palavras do próprio crítico.

História da Literatura – cronologia e intertextualidade: Esse segmento da fala do crítico Décio Pignatari propicia o aprofundamento da discussão a respeito de intertextualidade e cronologia, já que remete a aspectos barrocos da obra do poeta.

História

Léo Stampacchio

O documentário narra a evolução da construção da obra do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, propiciando o encaminhamento de pelo menos dois aspectos:

1. As migrações nordestinas para o Sudeste brasileiro e as condições de vida e trabalho das populações que habitam o meio rural da região Nordeste.
2. A observação de que a literatura, por meio de linguagens distintas, produz fontes históricas geradoras de diferentes interpretações da realidade social.

Na verdade, o primeiro ponto destacado se funde com o segundo, na medida em que, ao discutir a questão das migrações internas no Brasil, o professor pode recorrer a diferentes linguagens, fontes e interpretações – e o uso da literatura é uma das pos-

sibilidades de enriquecer o estudo. No entanto, é fundamental levar em conta que a literatura, ao envolver a realidade social com elementos da construção ficcional – mesmo na chamada vertente realista – não substitui as fontes documentais primárias ou o trabalho historiográfico intencional, fundamentado em pressupostos teórico-metodológicos próprios. Em função disso a narrativa literária deve ser vista como uma das formas de reorganização/reconstrução da realidade social, que não se confunde com as tentativas de reconstrução do discurso historiográfico.

Com essa ressalva, procure utilizar recortes do vídeo para enriquecer o estudo do tema “As migrações nordestinas para o Sudeste brasileiro e as condições de vida e trabalho das populações que habitam o meio rural da região Nordeste”, desenvolvendo algumas atividades.

Atividade 1 - A viagem do migrante e a adaptação a uma 'nova vida'

Oriente seus alunos para montar um roteiro de entrevistas que poderão fazer com migrantes nordestinos, ou descendentes destes, buscando identificar as principais dificuldades encontradas ao chegar a um novo lugar para fixar moradia ou encontrar trabalho.

Proponha que, a partir das entrevistas, ela-

borem uma relação das principais dificuldades encontradas pelos migrantes. Para finalizar, socialize a discussão para que todos apresentem os resultados de seu trabalho e cheguem a uma síntese dos pontos em comum das diferentes entrevistas. Proponha como encerramento a realização de um debate e/ou a montagem de um painel.

Atividade 2 - Por que sair da terra natal?

Não é a seca, em si, que provoca a saída de grandes contingentes populacionais da região Nordeste. Talvez ela seja apenas a face mais

visível de um problema que envolve a concentração de terras e a persistência de formas muito antigas de relação política. Ao



adiar as soluções, muitos políticos conseguem manter o controle eleitoral sobre a população de cidades inteiras.

Discuta com seus alunos a chamada 'indústria da seca'. A carência de investimentos, aliada à falta de apoio aos pequenos agricultores, acaba gerando um círculo vicioso do qual somente se escapa com a migração – ou por um milagre divino.

Levando em conta essas questões, peça para seus alunos relacionarem os fatores

que levam o nordestino a migrar para outras regiões. Oriente a pesquisa em fontes variadas: textos historiográficos, reportagens publicadas em jornais e revistas e/ou veiculadas por outras mídias (tevé, rádio etc.), vídeos, relatos orais, músicas, folhetos de cordel, obras literárias etc. É nesse contexto que se insere o vídeo *Duas Águas*, bem como algumas obras de João Cabral de Melo Neto – particularmente o poema "Morte e vida severina".

Geografia

Jaime Tadeu Oliva

Explore o vídeo a partir da discussão com seus alunos de uma qualidade essencial da poesia de João Cabral de Melo Neto: o enfoque espacial. João Cabral faz com sua arte o que os geógrafos devem fazer com sua disciplina: usar o espaço para examinar a realidade total. O espaço geográfico não aparece na obra do poeta como um personagem que ele descreve e analisa, como algo externo a ele; ao contrário, é por meio dessa dimensão concreta da vida humana que ele exercita seu olhar sobre o mundo. Ele não fala do Rio Capibaribe, ou do semi-árido nordestino, ou da cidade de Sevilha. Ele fala do ser humano em sua integralidade (incluindo sua dimensão espacial) por meio do rio, do sertão ou da cidade espanhola. Essas são suas janelas. E essa é também a janela do geógrafo.

Segundo muitos estudiosos, esse enfoque espa-

cial tão típico de sua obra se reflete inclusive na influência sobre os poetas concretistas (Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari), que introduzem as formas espaciais no campo simbólico de seus poemas.

Voltemos à Geografia. O que é ver a realidade pelo ângulo do espaço? Não se trata de olhar o espaço em si mesmo, mas sim de pensar a sociedade como um todo a partir do espaço. Como se operacionaliza isso? Primeiro, demonstrando que a tarefa não é incomum, ou inédita. As ciências bem constituídas (mais que a Geografia) já fazem isso a partir de seus ângulos. Afinal, o objeto da História é um pedaço da realidade, ou é a realidade total a partir do enfoque temporal? E a Economia olha as atividades econômicas, ou avalia a sociedade como um todo a partir do ângulo da economia?

espaço geográfico

A Geografia tradicional trabalhava com a idéia de espaço absoluto. Essa idéia, com variações, encontra-se, por exemplo, na filosofia de Descartes e Kant e na física de Newton. Define o espaço como uma extensão absoluta que contém todas as coisas do universo. É uma categoria preexistente a todas as coisas. Assim, as coisas estão no espaço. O uso dessa idéia em Geografia conduz a interpretações que consideram os elementos da natureza e os objetos humanos como coisas que

ocupam o espaço, que estão no espaço. Nessa perspectiva, o espaço é um palco dos acontecimentos e das intervenções humanas. É difícil do ponto de vista dessa lógica falar em espaço produzido, um espaço humano e econômico, pois como palco ele sempre é externo à sociedade.

A Geografia renovada, por sua vez, adotou a concepção de espaço relativo, noção que encontra respaldo, por exemplo, na filosofia de Leibniz

e na física de Einstein. O espaço não é uma extensão preexistente – ele é constituído pelas coisas. Cada elemento tem valor relacionado a outros elementos.

As coisas não estão no espaço, mas são, elas próprias, o espaço.

Nos termos da Geografia, trabalhar com a noção de espaço relativo nos leva a entender os elementos naturais e os objetos humanos como constitutivos do espaço geográfico. Portanto, uma cidade ou uma montanha não estão no espaço, elas são o espaço geográfico.

As idéias de espaço produzido e espaço humano são possíveis a partir da concepção de espaço relativo. A principal decorrência dessa elaboração é que o espaço construído pelas sociedades humanas é espaço geográfico, logo, espaço social. Ele é parte concreta de uma sociedade ou, dito de outra forma, a dimensão espacial da sociedade.

Desse modo, o espaço geográfico não é externo à sociedade, não é palco e sim elemento componente da sociedade, assim como as pessoas, a cultura, a economia, a história, a política, a estrutura jurídica e outros.

○ espaço geográfico como componente da sociedade

Ao ser usado pelo ser humano, o espaço geográfico passa a ser um componente da sociedade. Organizando-se em sociedade, os seres humanos organizam também o espaço geográfico, que é o quadro em que se desenvolvem as relações sociais, e do qual elas dependem em boa medida. Para que as relações se dêem é preciso lidar com a distância geográfica.

Conforme o geógrafo Jacques Lévy, a distância é o elemento central do espaço geográfico. De fato, qualquer relação social percorre ou diminui distâncias.

Dependendo da eficiência dessa gestão da distância, os membros de uma sociedade mantêm um volume maior ou menor de interações, fator decisivo para o destino de qualquer grupo social.

As sociedades humanas vêm transformando o espaço geográfico em um conjunto de objetos geográficos, para gerir a distância, para habitar e produzir bens, que também são formas de uso do espaço. E aqui vale precisar a expressão 'objeto geográfico'. É um elemento do espaço que tem objetivo, finalidade, serve para alguma coisa. Ora, só podem ter objetivo as coisas feitas pelo ser humano, que sempre tem alguma intenção ao produzir algo. Assim, os elementos da natureza em si não seriam objetos geográficos, pois não possuem finalidade. Qual a finalidade da existência de uma montanha ou de um rio?

Desde que se socializou, o ser humano cria

mitos e linguagem. E se projeta na natureza, atribuindo a ela sentido, objetivo e finalidade. Assim, um rio se transforma em via de transporte e fonte de alimentos, e passa assim a ter uma finalidade. Ou uma montanha é cultuada como local sagrado, possuindo assim essa finalidade para determinado povo. Nas sociedades modernas, boa parte dos elementos e conjuntos naturais fazem parte da contabilidade econômica e dos projetos dos Estados e das empresas, como recursos naturais. Nesse sentido a natureza foi humanizada; cada um dos seus elementos se converteu em objeto geográfico.

Podemos dizer que o espaço geográfico é um conjunto de objetos geográficos – tanto elementos naturais humanizados quanto obras humanas.

Como diz o geógrafo Milton Santos, o espaço geográfico é a configuração territorial dos objetos geográficos mais o seu conteúdo social, a vida que lhes dá sentido e os anima.

Materialmente, um edifício é apenas um edifício: ele adquire conteúdo quando é usado, por exemplo, como escola. Uma 'paisagem natural equatorial', como o norte da Amazônia, sofre uma transformação geográfica quando seu conteúdo social é alterado e se transforma numa Reserva Indígena. A partir daí, o uso, o destino e o conteúdo social desse segmento do espaço geográfico estão profundamente alterados, mesmo que a paisagem não se modifique.

T transformação espacial: transformação social

Se entendermos as sociedades como conjuntos de pessoas que travam relações de interdependência de todos os tipos, concluiremos que, para essas relações ocorrerem, é preciso transpor as distâncias geográficas. Ao longo de sua história, os homens vêm fazendo isso de duas maneiras:

- diminuindo de forma definitiva as distâncias geográficas, na medida em que buscam viver em aglomerações. Assim, no território da cidade se estabelece um número enorme de interações sociais, em razão das distâncias tenderem a zero;
- gerindo a distância geográfica e buscando desenvolver meios de comunicação e de transporte para que as interações aconteçam, apesar das distâncias.

Qualquer transformação no espaço geográfico influi tanto no número quanto na qualidade das interações sociais. O espaço geográfico de um país

pode ser examinado a partir da idéia de **espaço fluido**. Em um país com grau de fluidez elevado, as relações – entre pessoas, regiões, empresas, entre Estado e sociedade, no mercado, entre meios de informação e cultura e sociedade, entre o país e outras partes do mundo, enfim todas as interações possíveis numa sociedade – percorrem as distâncias geográficas com frequência e velocidade, com desigualdades regionais não muito acentuadas. Possibilitam relações espaciais de longo alcance, de escala mais larga. Ao contrário, um país com baixo grau de fluidez pode encontrar mais problemas de integração nacional, territorial e socioeconômica, tendo em conta os parâmetros de uma vida e uma economia modernas.

Considerada a importância do espaço geográfico para o entendimento da realidade total pode-se agora fazer uma troca e, com o conceito de espaço da geografia, examinar alguns poemas de João Cabral de Melo Neto.

Atividades

Sempre pensara em ir
caminho do mar.
Para os bichos e rios
Nascer já é caminhar.
Eu não sei o que os rios
Têm de homem do mar;
Sei que se sente o mesmo
e exigente chamar.
[...]

Notícia do alto sertão

Por trás do que me lembro
Ouvi de uma terra desertada,
Vaziada, não vazia
Mais que seca, calcinada.
De onde tudo fugia,
Onde só pedra é que ficava,
Pedras e poucos homens
Com raízes de pedra, ou de cabra.
[...]

A estrada da ribeira

Como aceitara ir
No meu destino de mar,
Preferi essa estrada,
Para lá chegar,
Que dizem da ribeira
E à costa vai dar,
que deste mar de cinza,
vai a um mar de mar;
preferi essa estrada
de muito dobrar,
estrada bem segura
que não tem errar
pois é a que toda a gente
costuma tomar
(na gente que regressa
sente-se cheiro de mar).

- Encaminhe a observação de seus alunos para estes trechos do poema “O rio – ou a relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife”, chamando a aten-

ção para o olhar espacial de João Cabral sobre a vida. Nem sempre é fácil aproveitar todos os significados da linguagem poética, mas esses trechos deixam entrever como para João



Cabral a condição humana não se separa do espaço (o mar, as pedras, a estrada etc.), mas não o mar mesmo, e sim o mar com seus significados humanos. Assim, há um movimento do espaço condicionando os homens, que por sua vez se projetam sobre os espaços.

- Examine com atenção esses versos e leve seus alunos a refletir sobre idéias evidentemente espaciais:
 - “de uma terra desertada”;
 - “Pedras e poucos homens com raízes de pedra”;

- “no meu destino de mar”;
- “na gente que regressa sente-se o cheiro de mar”.
- Procure outros poemas de João Cabral de Melo nos quais esse olhar geográfico construa imagens que apresentam encarnados o homem e o espaço geográfico (suas paisagens e seus objetos geográficos). Atenção especial para os poemas em que ele fala de Sevilha – note como ele não trata apenas de objetos geográficos originalmente naturais.

Consulte também

Livros

- CABRAL de Melo Neto, João. *Literatura comentada*. São Paulo, Abril Educação, 1982.
- FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *A civilização do açúcar – séculos XVI a XVIII*. São Paulo, Brasiliense, 1987, 4. ed.
- MARTINEZ, Paulo. *Reforma agrária: questão de terra ou de gente?* São Paulo, Moderna, 1987.
- MARTINS, Ana Luiza. *O trabalho nas fazendas de café*. São Paulo, Atual, 1994.
- OLIVA, Jaime & GIANSAANTI, Roberto. *Espaço e modernidade – Temas da Geografia do Brasil*. São Paulo, Atual, 1999.

- SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. São Paulo, Scipione, 1994.
- TRINDADE, Etelvina. *O trabalho nos engenhos*. São Paulo, Atual, 1996.
- VALENTE, Ana Lúcia E.F. *Ser negro no Brasil hoje*. São Paulo, Moderna, 1994, 13. ed.

Filmes

- Gajjin, os caminhos da liberdade*. Direção: Tizuka Yamazaki (Distribuidora Nacional Vídeo), Brasil, 1980.
- O homem que virou suco*. Direção: João Batista de Andrade. (Vídeo Cassete do Brasil), Brasil, 1980.